

DEUS E SUAS CRIATURAS HUMANAS NOS SERMÕES DE LUTERO SOBRE GÊNESIS: O JOVEM REFORMADOR E O USO DA SUA DISTINÇÃO DOS DOIS TIPOS DE JUSTIÇA

Robert Kolb¹

INTRODUÇÃO

Em março de 1523, Martinho Lutero começou a pregar sobre o livro de Gênesis na igreja da cidade de Wittenberg. Durante um ano e meio, ele examinou o texto e o aplicou à vida de seus ouvintes no culto de domingo à tarde.

Após três anos, em 1527, o tipógrafo de Wittenberg, George Rhau, publicou versões daqueles sermões em latim e alemão, baseado nas notas escritas pelo aluno de Lutero, amigo, e depois secretário oficial, George Rörer, e editado por outro ex-estudante, Caspar Cruciger, naquele tempo um reitor em Magderburgo.²

1 Tradução autorizada do artigo de KOLB, Robert. God and His Human Creatures in Luther's Sermons on Genesis: The Reformer's Early Use of His Distinction of Two Kinds of Righteousness? *Concordia Journal*, v.33, n.2, April 2007. Traduzido pelo Rev. Felipe Barbosa Gonsioroski e revisado pelo Rev. Paulo Moisés Nerbas.

2 Veja a introdução para a versão impressa em D. Martin Luthers Werke (Weimar: Bohlau, 1883-1993 [henceforth WA]), 24:XIII-XLVII, e as notas tiradas dos sermões que eles enviaram, WA 14:92-96. O texto das notas de George Rörer e Stephan Roth são encontrados na WA 14:97-488. Veja J. P. Boendermaker, "Heet eerste word blijft gelden. Luthers preken over de vijf boeken van Mozes, 1523-1525 inleiding em enkele teksten", em *Luther na 500 jaar*, teksten, vertaald en beproken, ed. J. T. Bakker and J. P. Boendermaker (Kempen: Kok, 1983), 99-123. Sabine Hiebsch, em seu estudo sobre o uso interpretativo da "figura" em Lutero, também trata de suas séries de sermões (*Figura ecclesiae: Lea und Rachel in Martin Luthers Genesispredigten* [Münster: LIT, 2002]).

Muitas vezes perdidos na sombra das exposições de Lutero sobre Gênesis aos estudantes de Wittenberg (1535–1545), aqueles sermões oferecem uma panorâmica de como o reformador formulou seu pensamento para uma audiência popular relativamente cedo no curso de seu apelo à reforma pública.

Este artigo explora como aqueles sermões fazem uso de sua recente formulada definição da humanidade como bidimensional, totalmente passiva em relação a Deus e, ao mesmo tempo, ativa em relação ao mundo de Deus.

A distinção dos “dois tipos de justiça” provém de uma estrutura antropológica para pregação sobre Deus e a raça humana em seus sermões sobre Gênesis.³

A pregação sobre textos bíblicos serviu como um instrumento para a importante tarefa da Reforma do século 16, a “recultivação”⁴ e “reformação”⁵ da fé cristã em meio a pessoas comuns.⁶

Esse processo pretendeu transformar a religião dos fiéis, que estava voltada para uma piedade popular baseada na observância ritual, para a prática da fé, com a qual se presume que Deus envolve seu povo na conversação sobre sua Palavra. Lutero auxiliou na reconstrução da pregação pública, tanto por meio do uso eficiente da prensa de impressão, como também pelo seu modelo de pregação nos púlpitos de Wittenberg.

Lutero deu forma ao “sermão” para usá-lo de diversas maneiras. Algumas das publicações anteriores foram chamadas de *homiliae* ou *sermones*, apesar de que elas nunca foram pregadas em uma congregação onde as pregações costumavam ser mais tópicas ao invés de textuais.⁷

Em 1522, Lutero tinha começado a tratar de textos bíblicos para usos homiléticos para pastores e leigos quando ele compôs sua primeira

3 Robert Kolb, “Luther on the Two Kinds of Righteousness: Reflections on His Two-Dimensional Definition of Humanity at the Heart of His Theology”, *Lutheran Quarterly* 13 (1999): 449-466; David Lump, “Luther’s ‘Two Kinds of Righteousness’: A Brief Historical Introduction”, *Concordia Journal*, 23 (1997): 27-38. Veja também Charles P. Arand, “Two Kinds of Righteousness as a Framework for Law and Gospel in the Apology”, *Lutheran Quarterly* 15 (2001): 417-435.

4 Trad. Recultivating.

5 Trad. Reforming.

6 Scott H. Hendrix, *Recultivating the Vineyard: The Reformation Agendas of Christianization* (Louisville/London: Westminster John Knox, 2004).

7 Isso não é verdade para todos os usos do termo, mas, por exemplo, veja “Ein Sermon von Ablass und Gnade” 1517, WA 1:243-246; “Sermo de poenitentia”, 1518, WA 1:319-324, and “Ein Sermon von der Bereitung zum Sterben”, 1519, WA 2:685-697.

postilla, o livro medieval de sermões geralmente contendo exposições de textos da perícopes designada para cada domingo e festa do ano da igreja.

Eles serviram como um tipo de programa de educação continuada para pastores⁸ que precisavam aprender a nova teologia de Wittenberg e para aqueles que precisavam de ajuda para melhorar sua habilidade de pregar.⁹ Eles precisavam compreender a estrutura do modo de pensar de Wittenberg. E também precisavam compreender como agir a partir dos pressupostos daquela estrutura para interpretar e aplicar textos bíblicos com vistas ao benefício de suas congregações.

Logo após a publicação de sua primeira “postila”, o reformador começou a pregar sermões de “estudo bíblico” com uma série de sermões em 2Pedro e Judas em 1523.¹⁰ Ele havia pregado sermões ocasionais sobre Gênesis em 1519-1521,¹¹ mas, em 1523, ele disponibilizou uma exposição sobre o livro inteiro durante um longo período de tempo.

Aquelas séries tiveram um pequeno precedente na pregação medieval, a qual, muitas vezes, encontrava sua base nas perícopes ou na *legenda aurea*; relativamente poucos exemplos de séries de sermões sobre um livro bíblico sobreviveram.

Os humanistas, em geral, começaram a utilizar a prática nos anos que precederam a pregação de Lutero sobre Gênesis.¹² Como as postilas, esses sermões de estudo bíblico, como aqueles sobre Gênesis, foram subsequentemente publicados também para os pastores como modelo para uso e como exercício de leitura devocional para famílias.

Aqueles sermões foram desenvolvidos para comunicar informações bíblicas e como um método de leitura bíblica ao lado de sua função como instrução para boa pregação àquelas audiências.

8 Ou padres paroquiais, no original.

9 Não existe um estudo compreensivo das apostilas de Lutero. As introduções das edições da obra na WA servem como a melhor orientação. Veja WA 7:458-462, 10.1.2:IX-LXXXIX, 17.2:IX-XXVI, 21:IX-XXV, 22:XI-LXXXIX, 52:VII-XXXV.

10 WA 14:1-91.

11 WA 9:416, 420, 422-423, 427, 428, 430, 431, 459-461, 471-475, 482-498, 500, 503-505, 507-512, 535-537, 540-544, 547, 551-554, 558-562, 575-581, 583-587, 593-597, 601-606, 612-616.

12 Veja Hans Rost, *Die Bibel im Mittelalter* (Augsburg: Seitz, 1939), 133-140.

MÉTODO HERMENÊUTICO E HOMILÉTICO DE LUTERO EM SEUS SERMÕES SOBRE GÊNESIS

Em seus sermões sobre Gênesis, Lutero trabalhou com a estrutura de suas novas percepções que foram criadas a partir da revelação de Deus na Escritura. A bem da verdade, seu “avanço evangélico” foi um processo gradual, e seu desenvolvimento teológico nunca cessou.

Durante a vida inteira, o professor de Wittenberg continuou a conduzir experimentos para encontrar a forma mais eficiente de transmitir a mensagem bíblica para os ouvintes e leitores.

Naqueles sermões em Gênesis, Lutero demonstrou o método hermenêutico e homilético que ele e seus colegas de Wittenberg criaram como a expressão de seu novo ensino e também como um de seus veículos para o traslado do seu ensino para o nível da congregação e para o povo. Seus sermões tiveram o cuidado de apresentar as palavras do texto em sua simplicidade, em seu significado mais direto, e ele cuidou para que seus ouvintes “compreendessem as palavras em seu significado básico corretamente e guardassem isso em seus corações”.¹³

Os hábitos humanistas de retórica analítica ajudaram os ouvintes e leitores a reconhecer o que estava vindo do texto. Por exemplo, o pregador identificou o gênero do capítulo quatro como “narrativa e exemplo”, a reflexão sobre a vida nesta terra.¹⁴ Através de todos aqueles sermões, quem os interpretava recorria repetidamente ao recurso das discussões do hebraico original, como modelo ideal da educação humanística de Wittenberg.¹⁵

13 WA 24:112, 25-113, 17. Cf. Robert Kolb, “God Kills to Make Alive: Romans 6 and Luther’s Understanding of Justification (1535)”, *Lutheran Quarterly*, 12, 1 (1998): 33-56.

14 WA 24:121,21.

15 Ele informou seus leitores de que a palavra hebraica para “vento” também significa “Espírito”, e em Gênesis 1.2 ele preferiu “vento”, pois ele acreditava que a Santíssima Trindade se apresenta em uma ordem própria neste capítulo. Isso significa que Deus Pai está presente no princípio. Deus, o Filho, aparece na Palavra, no versículo 3, e o Santo Espírito segue no versículo 4, como o divino “ser bem aceito” em pessoa; Deus toma sua nova criação sob suas asas como uma galinha. Lutero não quis insistir nesta interpretação, mas deixou clara sua preferência por ela (WA 24:27.16-28). Lutero expandiu sua interpretação de Deus vendo que sua criação é boa como uma indicação da pessoa da Santíssima Trindade WA 24:30.20-29. Ele cuidadosamente diferenciou a compreensão usual alemã de “alma” (como uma parte espiritual do ser humano que temporariamente é separado do corpo na morte, como ele fala) do significado hebreu com o qual foi usado o termo “tudo que constitui a vida humana nos cinco sentidos” (WA 24:67, 11-68,16).

Avaliando o que Lutero pregou na igreja da cidade, não pode ser esquecido que ele tinha diante de si os estudantes da universidade, bem como os habitantes permanentes da cidade. A filologia de Lutero e sua teologia estavam em consonância. O pregador também cuidou de seus leitores com análise literal quando apropriada, observando que Moisés se utilizou da *repetitio* como recurso retórico (em Gn 2.4-6).¹⁶

De qualquer forma, como professor de estudo bíblico em Wittenberg, Lutero abandonou o método “quádruplo” da interpretação alegórica como seu princípio-guia de exegese, ele não aprovava esta forma alegórica homilética. Ele só usou este método em seus sermões sob o aviso explícito de que era *allegoria*. Por exemplo, Lutero comparou o nascimento da igreja a partir do lado de Cristo no sono da morte com Deus desenhando Eva ao lado de Adão (2.21-22).¹⁷ Sua extensiva alegorização de Noé e a arca acompanhou os padrões medievais com aplicações teológicas evangélicas.¹⁸

Mais importante, sua hermenêutica evangélica funcionou como uma forma de entregar o poder da palavra de Deus para a vida da congregação. Lutero trabalhou colocando a identidade pecadora das pessoas na morte por meio da mensagem da ira de Deus e trouxe à vida como filhos de Deus por meio da mensagem da morte e ressurreição de Cristo. Em vários momentos, o pregador mencionou explicitamente que ele estava consistentemente praticando, fazendo a distinção de lei e evangelho.¹⁹

Ainda em 1523, Lutero pôde explicitamente empregar sua paráfrase da distinção de lei e evangelho, fazendo as pessoas notarem, por exemplo, que a morte que Deus impôs como julgamento se tornou um instrumento da graça de Deus, “na verdade, o início da vida”.²⁰

A proclamação de Lutero da palavra de Deus tinha em mente trazer a conversa recriada que Deus quer ter com os pecadores. Com a publicação dos seus sermões em Gênesis (1527), e de acordo com seu comentário no prefácio, Lutero esperava usar esse primeiro livro do Antigo Testamento para mostrar aos leitores “como a Escritura concorda em todos os pontos,

16 WA 24:64, 24-65, 16.

17 WA 24:81, 18-22. Cf. 24:116, 34-35.

18 WA 24:176, 20-180, 9.

19 E.g., at 3:8-13 Em latim, WA 24:93, 6-7, 93, 28-94, 35. Cf. 24:106, 18-26, 288, 6-11, 693, 13-14.

20 WA 24:112, 25-113, 17.

e como todos os exemplos e histórias, durante toda Escritura por completo, têm o objetivo de conduzi-la ao alvo de fazer as pessoas conhecer Cristo”.²¹

A Escritura pode ser lida de duas maneiras. A primeira, distante da fé, que pode compreender a seu sentido literal com a razão e a compreensão humanas; mas também existe uma segunda forma, que é falada pelo Espírito Santo e praticada por aqueles aos quais Deus deu “o verdadeiro entendimento e experiência em seu coração”, que vão além do alcance da razão sozinha.²²

O “mais suave artigo da fé” não era, conforme o ponto de vista de Lutero, o segundo artigo do Credo, como o julgamento popular sobre sua teologia sugere. Nas suas pregações sobre Gênesis, em si, Lutero começa pelo começo. Todo seu tratamento sobre a intervenção de Deus em meio aos pecadores por meio da encarnação presume a pessoa de Deus como poderoso Criador e Senhor.

Portanto, o artigo da fé mais suave, conforme Lutero disse em uma assembleia em Wittenberg, é “Eu creio em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra”. Pois este não é um axioma abstrato, ressaltou o pregador a seus ouvintes: Quem crê que Deus é Pai todo-poderoso e Criador, “morre para tudo o mais... e confessa de coração que não tem capacidade nenhuma em suas próprias forças”.²³

Lutero não define Deus sem referência à sua relação com suas criaturas humanas. O reformador não conseguia definir a criatura humana sem referência ao seu Criador. A vida humana é centrada em e também está fundamentada sobre a confiança no Criador. Apenas Deus pode fazer com que essa espécie de cristão reconheça que

Isso não vem de suas próprias mãos, se não apenas da mão de Deus. Por isso como eu creio que ele criou o mundo todo do nada, e que tudo veio a ser de sua Palavra e Mandamento, por isso, eu tenho o dever de confessar, que eu sou parte da sua Palavra e criação. Portanto, isso concorda com o fato de que eu não tenho habilidade em mim mesmo de poder levantar minha mão, mas Deus sozinho o faz e efetua tudo em mim.²⁴

21 WA 24:17, 11-12.

22 WA 24:17, 29-18, 25.

23 Prefácio aos sermões sobre Gênesis, WA 24:18, 26-33.

24 Prefácio aos sermões sobre Gênesis, *Preface to the Genesis sermons*, WA 24:27-22.8; cf. On Gn 1:1, WA 24:21, 31-22, 7.

Em si, tudo depende de “sua graciosa vontade e paternal amor”.²⁵ O exegeta de Wittenberg legou a fundação de toda sua teologia no pressuposto que Deus é a pessoa que é todo-poderoso, Criador e Pai. O corolário para este axioma é a definição de que o meio de ser um humano é, primeiramente, crer em Deus e depender completamente dele.

Com isso, Lutero começou a preparar os leitores dos sermões para uma compreensão de uma dimensão de sua humanidade. Todavia ele queria examinar nas passagens subseqüentes outra dimensão, a dimensão horizontal de ser um humano. No exame do que isso significa, ser humano reflete sua redefinição revolucionária do que significa ser uma criatura humana, que nasceu de sua própria experiência e seus estudos na Escritura em 1510, e melhorado em seu tratado sobre os dois e três tipos de justiça de 1518 a 1519.

Uma investigação de como essa nova definição funcionou como uma pressuposição, revela algo a respeito do pensamento de Lutero sobre o modo de reconstruir o material do ensino público da Bíblia. Apesar de Lutero e seus contemporâneos não explicarem seus sistemas de pensamento em detalhes, eles agiram baseados no reconhecimento de como o ensino bíblico é funcional na vida da igreja. A aplicação de Lutero de sua definição de humanidade como bidimensional ilustra bem esse fato.

DOIS TIPOS DE JUSTIÇA COMO UM SISTEMA NERVOSO DO CORPO DOUTRINÁRIO DE WITTENBERG

Os sermões de Lutero em Gênesis revelam como o seu método funcionou como uma proclamação guiada do conteúdo que o reformador encontrou no livro, e eles também demonstram como suas novas pressuposições criadas moldaram seu tratamento das questões fundamentais em relação à pessoa e à natureza de Deus e o que significa ser um humano.

Na verdade, está implícito naqueles sermões que, para estarem sujeitos à revelação bíblica, esses dois tópicos não podem ser explorados independentemente um do outro.

Para Lutero era certo, Deus não revela tudo sobre seu ser intimamente na Escritura. Algumas dessas conclusões sobre o íntimo da pessoa de Deus

²⁵ Sobre Gn 1:1, WA 24:22, 21-22.

vêm do que Lutero estabeleceu na Disputa de Heidelberg, de 1518, o “Deus escondido” (*Deus absconditus*).²⁶

A Escritura revela, ao invés disso, como Deus se relaciona com suas criaturas humanas, sobretudo, em e por meio da encarnação, em Jesus Cristo (*Deus revelatus*).²⁷ Ao mesmo tempo, a definição essencial de Lutero sobre o que significa ser humano, é expressa em sua distinção das duas dimensões da humanidade – que ele intitulou de dois tipos de justiça – encontra-se centrada em duas pessoas.

Ela (sua definição) apresenta, em primeiro lugar, o Criador todo-poderoso e pessoal, que concede a “justiça passiva” às suas criaturas humanas (em um ato muito importante da criação e subsequentemente redenção do pecado) por meio de sua criativa e recriadora Palavra. Em segundo lugar, traz à tona a criatura humana, criada pelo Criador à sua própria imagem e semelhança para responder ao seu amor com temor, amor e confiança.

A dádiva da identidade humana de filhos, dada diretamente por Deus, provoca e cria a confiança que repousa no centro de nossa humanidade. Essa é a “justiça passiva”, que é, contudo, inseparável da “justiça ativa”, pois se junta à expectativa de Deus para a atuação humana, a qual expressa corretamente o centro de sua identidade.

Lutero acreditava que as criaturas humanas foram tão criadas à imagem e semelhança de Deus que elas são completamente responsáveis por carregar sobre si o plano e a vontade de Deus para a vida humana em toda sua atuação, mas, ao mesmo tempo, Deus é completamente responsável por tudo em sua criação como seu poderoso Criador.

Outros teólogos cristãos também se debruçaram sobre essa questão do equilíbrio entre o poder de Deus e o poder humano, e muitos têm tentado harmonizar e homogeneizar essas duas afirmações bíblicas da responsabilidade de Deus e da responsabilidade humana.

26 Para ter certeza, Lutero depois insiste que nada no Deus Escondido contradiz o que ele revelou sobre si como Deus revelado; veja sua leitura sobre Gênesis 26, um quarto de século antes, WA 43:459, 24-32; *Luther's Works* ed., 5:45. Lutero esteve mais preocupado em assegurar ao crente que a promessa de salvação em Jesus Cristo dada por Deus, oferecida pelos meios da graça, é totalmente fiel.

27 “Heidelberg Disputation, 1518”, WA 1:362,15-19. (*Luther's Works* (Saint Louis and Philadelphia: Concordia and Fortress, 1958-1986; henceforth LW) 31:53. Veja Gerhard O. Forde, *On Being a Theologian of the Cross: Reflections on Luther's Heidelberg Disputation, 1518* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), 39-43, 69-102.

Lutero, em contraste, junto aos seus colegas e estudantes de Wittenberg, esforçou-se para manter as duas responsabilidades em tensão criativa. Essa tensão produziu pressupostos para o emprego de toda sua teologia, como a distinção das duas dimensões da humanidade, e a distinção dos reinos do governo de Deus e de seu mundo.²⁸

Lutero pôde, mais tarde, em 1535, investigar a “nossa teologia” da distinção dos dois tipos de justiça.²⁹ Ele refinou e ao mesmo tempo melhorou esse conceito em detalhes, contudo, a primeira vez que ele falou sobre este axioma bíblico foi mais ou menos quatro anos antes da sua pregação sobre Gênesis, e ficou claro que ele estava criando a fundamentação de sua antropologia.

Seu *Sermão Sobre os Três Tipos de Justiça* carrega este título porque distingue a justiça civil dos não cristãos daquela apresentada pelos que são dirigidos pela fé, todavia externamente seja similar à justiça piedosa do cristão. Esse tratado discutiu estas duas formas de “justiça ativa” da performance humana nas relações horizontais com as outras criaturas além da “justiça passiva” da relação com Deus.

Após a queda em pecado, a verdadeira justiça humana pôde ser restaurada ao pecador apenas com base naquilo que Cristo fez para ir ao encontro do clamor da lei pela morte do pecador e também para clamar pela vida para os pecadores perdoados por meio da sua ressurreição.

A obra de Cristo recria o pecador em filho de Deus por meio da ação vinda da palavra de Deus, paralelamente à sua criação original em Gênesis 1, quando aquela palavra de perdão, vida e salvação vem oralmente, escrita e sacramentalmente.

Lutero define a justiça que Cristo dá ao pecador por meio do perdão dos pecados como uma justiça tão livre e incondicional como foi a humanidade dada a Adão e Eva na criação, antes que eles tivessem tido a chance de praticar qualquer obra de amor.

Essa justiça é comparável à identidade que uma pessoa tem, porque ela lhe foi concedida pelo nascimento, um completo presente (*natalis*). Essa é a justiça essencial, isto é, que determina o núcleo da identidade da pessoa (*essencialis*). É determinada pela origem da pessoa pelo poder recriador de

28 Essas ideias são melhor desenvolvidas em Robert Kolb, *Bound Will, Election, and Wittenberg Theological Method from Martin Luther to the Formula of Concord* (Grand Rapids: Eerdmans, 2005).
29 WA 40,1:45, 24-27; LW 26:7.

Deus por meio da Palavra, e, portanto, não pode ser separada de quem a pessoa é (*originalis*). Esta justiça vem como um presente de outra pessoa, de Deus, e, portanto, vem até a pessoa tendo origem fora dela (*aliena*).

Essa justiça, Lutero destaca, vem a partir do nascer da água e do Espírito (Jo 3.5). E é recebida pelo poder de Deus de tornar pecadores em filhos (Jo 1.12). Portanto, porque Deus deu o novo nascimento aos crentes, eles não são mais conhecidos como pecadores (1Jo 3.9), pois Cristo deu para eles sua justiça (Rm 5.18-19).³⁰ Essa justiça que é puro presente, do novo nascimento, traz com ela as expectativas divinas de um Pai.

A dádiva da identidade como criaturas e filhos de Deus se manifesta naturalmente na performance daquilo que Deus criou para ser feito pelas criaturas humanas, as boas obras, que ativamente expressam o centro da identidade da justiça passiva humana.³¹

Essa distinção dos dois tipos de justiça funcionou como pressuposto para tudo que Lutero falou sobre o ser humano e a sua relação com Deus. Como um pressuposto ao invés de um tópico dogmático em si mesmo, não se tornou um padrão integrante da lista de ensinamentos nas dogmáticas luteranas, porque a forma pela qual Felipe Melancthon apresentava o ensino bíblico aos seus estudantes, não deixava lugar para pressupostos.

Usando as melhores teorias linguísticas do seu tempo (aquelas dos humanistas bíblicos), Melancthon adaptou formas retóricas daquele movimento, priorizando entre elas a organização do material a ser ensinado em categorias ou tópicos, chamados de *loci communes* (lugares comuns)³² no latim acadêmico de seus dias.

Em diversos detalhes, os teólogos de Wittenberg deixaram para trás o modelo de Pedro Lombardo das *Sententiae*, que tinha fornecido a configuração para a entrega da mensagem bíblica desde o século 11 (embora

30 Sermo de triplici iustitia, 1518, WA 2:44, 32-38. Cf. the similar definition in the Sermo de duplici iustitia, 1519, WA 2:145, 9-146, 35; LW 31:297-299. Veja J. T. Bakker, “De tweevoudige gerechtigheid. Luthers ‘Sermo de duplici Iustitia’, 1518”, in *Luther na 500 jaar*, 30-57.

31 WA 2:46, 1-4; cf. WA 2:146, 36-147, 23; LW 31:299-300. Lutero usa a descrição de Cristo como *sacramentum* (presente) e *exemplum* (exemplo) para descrever sua relação com as criaturas em duas dimensões ou dois tipos de justiça. Veja Norman Nagel, “Sacramentum et exemplum in Luther’s Understanding of Christ”, *Luther for an Ecumenical Age*, ed. Carl S. Meyer (St. Louis: Concordia, 1967), 172-199.

32 Livro lançado pela Editora Sinodal sob o título *Loci Theologici* – tópicos teológicos de 1521: Edição crítica bilingue, latim e português. Traduzido por Eduardo Gross.

a formatação dos tópicos de Lombardo tenha moldado a organização dos tópicos próprios de Melanchthon, até certo ponto).³³

No entanto, a segunda e a terceira edição dos *loci* de Melanchthon seguiram o modelo de Lombardo em simplesmente iniciar com tópico, “Sobre Deus”. A teoria da comunicação do seu tempo não reconhecia nenhuma necessidade de se estabelecer uma estrutura conceitual de sua forma de pensar — embora, em pelo menos um prefácio de sua obra, Melanchthon tenha esboçado uma estrutura para distinção de lei e evangelho.

Mesmo assim, dentro da prática da teologia de Wittenberg, há lugar para os intérpretes modernos julgarem como certo que sua estrutura de pressupostos está clara. O time de Wittenberg algumas vezes chamou todo o ensino bíblico de um *corpus doctrinae*, um “corpo doutrinário”, e os tópicos individuais eram chamados de membros, ou *articuli*, deste corpo.³⁴

Apesar de os teólogos de Wittenberg não terem uma forma de descrever isso, a verdade é que a pressuposição corre como um sistema nervoso ou circulatório por todo o corpo, moldando um número de tópicos específicos.

Portanto, nós podemos reconhecer a função crítica da distinção dos dois tipos de justiça — as duas dimensões da humanidade — como uma pressuposição antropológica crítica para exposição e proclamação de um número de tópicos do ensino bíblico, mesmo que isso não seja claramente explícito na tradição.

Como pressuposição, este conceito não é tratado com detalhes na maior parte das obras de Lutero, mas, não obstante, ele se mostra como a clara estrutura para seu modo de pensar, por exemplo, em seu sermões sobre Gênesis de 1523 e 1527. Isso é verdade em outras obras do período que seguem à publicação dos sermões sobre as duas e três espécies de justiça como tal.³⁵

33 Robert Kolb, “The Ordering of the Loci Communes Theologici: The Structuring of the Melanchthonian Dogmatic Tradition”, *Concordia Journal* 23 (1997): 317-337.

34 Irene Dingel, “Melanchthon und die Normierung des Bekenntnisses”, in *Der Theologe Melanchthon*, Günter Frank, ed. (Stuttgart: Thorbecke, 2000), 195-211.

35 Ver também, por exemplo, Robert Kolb, “Mensch-Sein in Zwei Dimensionen: die Zweierlei Gerechtigkeit und Luthers De votis monasticis Iudicium”, forthcoming.

DEUS, O CRIADOR, NOS SERMÕES DE LUTERO EM GÊNESIS

Humanidade em sua dimensão vertical, sua relação com seu Criador, consiste no dom da vida dado por Deus como criatura que ele moldou no Éden. Ele deu o domínio para aquela criatura que está dentro da ordem de criação.

Quando o Criador recupera a vida humana por meio da morte e ressurreição de Cristo, ele concede uma identidade nova ou restaurada como seu filho escolhido e a resposta humana de confiança no Deus que dá essa identidade por meio de Cristo. Essa definição de ser humano presume a pessoa do Criador, que é todo-poderoso e de quem é a vontade de criar para si as criaturas humanas.

Os primeiros dois capítulos de Gênesis ensinam isso e provam ser a base natural para transmitir esta ideia para os outros cristãos. Lutero trabalha exatamente isso em seus sermões sobre Gênesis quando trata da criação.

Ele identifica Deus como o todo-poderoso Criador, o Senhor, que é responsável pela origem de tudo que existe e de tudo que acontece no decurso da história humana. Isso fica claro, por exemplo, no dilúvio.

Deus determina tudo, incluindo sua maneira de cuidar do seu povo.³⁶ Ele tanto promete a bondade de sua vontade para seu povo como tem poder e força, assim como sabedoria, para cumprir suas promessas.³⁷

Lutero definiu este Criador como um Deus que conversa e congrega. Ele deu forma ao mundo por meio de sua Palavra criativa e moldou os seres humanos a viverem em comunidade que conversa com ele e com o próximo.

A Palavra criativa de Deus não foi colocada por ele em movimento ou no lugar devido apenas na criação; ela continua a sustentar todas as coisas que existem. Deus mesmo se fez responsável pela criação.

Lutero aprendeu de seus instrutores ockamistas que o Criador, o qual poderia fazer qualquer coisa que lhe agrada graças a seu poder absoluto (*potentia absoluta*), na verdade tinha garantido a si mesmo que agiria conforme prometido por sua aliança. Dessa forma, a interação de Deus

36 Sobre Gn 6:17-22, WA 24:180, 29-34.

37 Sobre Gn 22:18, WA 24:397, 18-30.

com suas criaturas, de acordo com o seu poder “comandado” e “em ordem” (*potentia ordinata*, seu poder como ele mesmo delimitou e prescreveu), não é arbitrário, mas fiel às promessas da aliança.³⁸

Refletindo em sua instrução, o exegeta de Wittenberg proclamou para sua congregação que “tudo procede da ordem de Deus, e nada tem sua essência gerada de si mesmo; nada é responsável por sua existência própria. Antes, tudo procede da mão, conselho e vontade de Deus, de modo que você deve ver Deus em todas as criaturas, se nós abrirmos nossos olhos ou ouvidos, e então dar graças a ele”.³⁹

O reformador comentou sobre Gênesis 22.16-18 o seguinte: “Quando Deus pronuncia uma bênção, demonstra que falar e fazer é uma coisa só”.⁴⁰

Com base na autorrevelação de Deus na cruz de Cristo, Lutero identificou a essência de Deus como amor e misericórdia, e o Criador consistentemente tem demonstrado sua disposição para com as suas criaturas desde a criação, argumenta ele. “Quanta doçura, quão bondoso Deus é, nada senão a sua doçura e bondade pode nos alimentar, preservar, nutrir”.⁴¹

O pregador reforçou seu texto com as palavras de Cristo: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5.17, NAA).⁴² Aquela disposição divina fundamental de misericórdia e graça continuou em sua atitude e ação para com os pecadores.

Adão não merecia nada de Deus após a queda (como era o caso antes da queda), mas Deus mostrou misericórdia, e seu evangelho criou a nova fê e o amor nele.⁴³

Lutero captou o pressuposto bíblico de que o todo-poderoso Criador atua em sua criação por meio de sua Palavra, em suas várias formas.

Deus criou [a essência de cada pessoa ou objeto criado individualmente] por meio da Palavra que cresce sem cessar e não temos nem

38 Heiko A. Oberman, *The Harvest of Medieval Theology: Gabriel Biel and Late Medieval Nominalism* (Cambridge: Harvard University Press, 1963), 30-47.

39 Sobre Gn 1:14-19, WA 24:42, 22-25.

40 Sobre Gn 22:18-19, WA 24:398, 13-14.

41 Sobre Gn 1:9-13, WA 24:39, 23-25. Cf. 24:57, 28.

42 Sobre Gn 2:1-3, WA 24:61, 21-29.

43 Sobre Gn 3:9, WA 24:111, 23-112, 8.

ideia de como... Esta é sua Palavra eterna, falada desde a eternidade, e que vai continuar a ser falada para sempre. Tão pouco cessa a essência de Deus, assim tão pouco também cessa seu falar.⁴⁴

Lutero afirmou que Deus tem todo o mundo em seus lábios: “A terra tem seu poder apenas por meio da Palavra de Deus”, porque

Você vê o solo no qual nada brota, ele continua solo e terra seca, vazio, pois Deus não deu sua palavra ou comando para que ele seja nutrido e para que alguma coisa possa brotar. Portanto, a razão pela qual não é em todo lugar que se acha frutas da mesma maneira isso não vem da habilidade do lugar, mas da Palavra de Deus, porque onde ela está, existe poder para ser frutífero. Todo o mundo é cheio da Palavra que guia todas as coisas e que concede e preserva o poder.⁴⁵

Portanto, não é de se admirar que Lutero descreveu o pecado nos termos de Adão e Eva sendo arrancados da palavra de Deus.⁴⁶ Ser um humano é “ter a Palavra de Deus e agarrar-se a ela pela fé”.⁴⁷ A restauração da vida com Deus vem até os pecadores por meio do ato criativo da palavra de Deus, igual a Isaque que foi dado a Abraão e Sara como o resultado de um ato da Palavra. “A majestade divina derrama o seu poder junto com a Palavra. Portanto, ele é um filho da divina Palavra apesar de ser produzido por carne e sangue. Por isso não há filhos de Deus à parte de terem sido nascidos por meio da Palavra”.⁴⁸

A restauração para a própria, correta relação com Deus transparece por meio da ação de Deus em sua Palavra, por meio de seu poder recreativo. Já em 1523, Lutero se valeu do sacramento do batismo, da forma como foi descrito por Paulo em Romanos 6.3-11 e em Colossenses 2.11-15, como modelo para a ação justificadora de Deus.

44 Sobre Gn 1:9-13, WA 24:37, 12-14, 23-25.

45 Sobre Gn 1:9-13, WA 24:38, 11-18. Essa ideia é repetida com mais detalhe em 24:44, 20-45.13.

46 Sobre Gn 3:1-6, WA 24:85, 26.

47 Sobre Gn 3:1-6, WA 24:86, 9-10.

48 Sobre Gn 17, WA 24: 322, 34-323, 11. O estudo de Juhani Forsberg, *Das Abrahambild in der Theologie Luthers Pater Fidei Sanctissimus* (Stuttgart: Steiner, 1984), ajuda de diversas formas, só é estragado pela presunção de que “a união com Cristo”, ao invés da justiça da fé garantida pela palavra da absolvição, é a definição fundamental de Lutero sobre o que a justificação produz.

Os pecadores morrem quando são batizados para dentro de Cristo, e os filhos de Deus são trazidos para nova vida por meio do mistério da obra de Deus nesta forma sacramental da Palavra, afirmou Lutero para a congregação de Wittenberg.⁴⁹

Tudo depende da graciosa disposição de Deus, declarou Lutero quando tratou dos pecados dos patriarcas em Gênesis 34.

Se as obras nos fazem justos aos olhos de Deus, estes patriarcas devem ser rejeitados, pois, apenas coisas terríveis são encontradas em suas histórias. Portanto, isso demonstra que aos olhos de Deus nada funciona fora de sua pura graça e favor... Esta é uma obra misteriosa e maravilhosa de Deus, com a qual ele escolhe fazer pecadores santos, que faz com que toda nossa justiça e boas obras que ostentamos sejam destruídas. Tudo isso significa que: enquanto ele lembra de nós como justos, nós somos justos. Mas quando ele tira sua mão e deixa-nos ir pelo nosso próprio caminho, nos tornamos canalhas desesperados. De fato, ninguém deve se desesperar, se cairmos. Nós não vamos perder a Palavra de Deus. Pois, a sua Palavra e graça são maiores do que todo o pecado humano.⁵⁰

O pecador é completamente dependente da misericórdia incondicional do Criador.

A JUSTIÇA PASSIVA DAS CRIATURAS HUMANAS NOS SERMÕES DE LUTERO SOBRE GÊNESIS

A visão de Lutero sobre o ser humano é muitas vezes caricaturada como uma opinião extremamente negativa que foca apenas no pecado e na rebelião contra Deus. De fato, Lutero definiu a situação humana não apenas fora de seu estado pecador, mas também de seu estado de criatura, e neste estado de criatura ele encontra tanto uma avaliação positiva de Deus – doador do potencial humano, como também uma afirmação apreciativa

49 Sobre Gn 23, WA 24:411, 18-35. Sobre uso de Romanos 6.1-11 de Lutero em sua formulação da doutrina da justificação no comentário a Gálatas de 1535, veja Robert Kolb, “God Kills to Make Alive”. Cf. Jonathon D. Trigg, *Baptism in the Theology of Martin Luther* (Leiden: Brill, 1994), 92-99.

50 Sobre Gn 34, WA 24:593,21-34. Cf. On Gn 38:1-7, WA 24:623, 16-32, sobre a história de Tamar, Gênesis 38.

da dependência humana sob o amado Criador. “Criaturas não têm sua essência de si mesmas, e mesmo quando essa essência é concedida, elas não têm nenhum poder derivado delas mesmas”.⁵¹

Deus criou o mundo de Adão antes de criar Adão. Adão não ganhou nada. Ele simplesmente herdou e recebeu esse benefício do Pai Celestial. Os seres humanos podem receber o que Deus deu em fé e confiança, e por meio da fé e da confiança eles vivem.⁵²

Lutero trouxe muito detalhadamente a discussão do que significa ser criados “à imagem de Deus” (Gn 1.27) sem chegar a uma simples resposta definitiva.

Ele fugiu da especulação envolvida em tentar igualar a memória, compreensão e vontade humana com a Trindade; em vez disso, Lutero se posicionou com Paulo, ou seja, que há um ser humano “terreno” e um ser humano “celeste”, tendo como base 1Coríntios 15.48-49 e Efésios 4.22-24.

O humano “terreno” é pecador, isto é, a criatura humana que está em Adão se tornou cega e pervertida, vivendo em descrença, fé falsa e dúvida. Isto é, não é um ser humano criado por Deus.

A imagem “celeste” é exatamente a de Cristo:

Ele foi um humano cheio de amor, misericórdia e graça, humildade, paciência, sabedoria, luz, e tudo de bom. Toda sua essência é dedicada para servir a todos e não incomodar ninguém. Nós temos que carregar essa imagem e nos conformar com isso. E nesta imagem carregamos também sua morte e sofrimento e tudo que acompanha ela, sua ressurreição, vida, graça e poder [...] ⁵³

Cristo não revela apenas quem Deus é, mas também revela o que significa ser humano.

Lutero acreditava que os pecadores perderam a imagem de Deus porque ela é centrada na verdadeira fé em Deus. Apesar disso, os ele-

51 Sobre Gn 1:9-13, WA, 24:36, 22-24.

52 Sobre Gn 1:29-30, WA, 24:58, 8-59, 9.

53 Sobre Gn 1:24-27, WA 24:49, 23-51.8. Lutero continua afirmando que a criatura humana é tanto imagem de Deus como imagem do Diabo; veja também WA 24:153, 15. Para declarações que antecipam seu posterior comentário sobre Gênesis (1535-1545) e o ponto de vista de Matthias Flacius Illyricus. Veja Lauri Haikola, *Gesetz und Evangelium bei Matthias Flacius Illyricus. Eine Untersuchung zur lutherischen Theologie vor der Konkordienformel* (Lund: Gleerup, 1952), 97-192.

mentos da humanidade original permaneceram na habilidade de praticar a vontade de Deus exteriormente, por exemplo, na vida matrimonial.⁵⁴ Pois, sem fé, ninguém consegue entender Deus e sua obra; a descrença priva os descendentes de Adão de sua habilidade de aproveitar a vida como Deus a fez.⁵⁵

O relato da criação de Adão e Eva e o mandamento dado de não comer da fruta do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.15-17) deu a Lutero a oportunidade de decifrar precisamente o que ele quis dizer por “justiça passiva”. Adão não ganhou o favor de Deus por guardar esse mandamento. Ele foi possuído pelo amor e favor de Deus no momento em que Deus soprou dentro do pó o sopro da vida e criou Adão.

Deus deu a ele este mandamento como um sinal [,] para que ele entendesse e lembrasse que ele tinha um senhor sobre ele. Ele não podia ficar justo por meio da obediência do mandamento, mas poderia se tornar um pecador. Esta é uma prova importante de que nenhuma lei pode fazer a pessoa justa, mas em vez disso ela é dada para que ele a possa guardar e provar que ele é justo e vive escutando a Deus. A lei não concede justiça, mas aqueles que já são justos praticam a lei.⁵⁶

Desde a queda em pecado, a lei de Deus funciona como uma acusação e indicação de nossa pecaminosidade, mas a obediência a ela, mesmo antes da queda, foi sempre o resultado do favor de Deus e não a causa dele.⁵⁷ Isso permanece verdade depois da queda, visto que Deus prometeu resgatar e absolver Adão e Eva imediatamente após o pecado.⁵⁸

O pecado consiste no duvidar da palavra de Deus e, portanto, desviou de Deus e de seus planos para vida humana. Embora alguns pecadores tirem coisas da Palavra, o colapso da confiança de Eva a levou a adicionar coisas à Palavra.

A história do pecado é a continuação da dúvida e da negação gerada do questionamento do diabo sobre a afirmação de Deus. “Como Eva

54 Sobre Gn 1:28, WA 24:52, 12-53, 15.

55 Sobre Gn 1:28, WA 24:57, 18-19, 28-35.

56 Sobre Gn 2:15-17, WA 24:72, 15-23.

57 Sobre Gn 2:15-17, WA 24:73, 19-32.

58 Sobre Gn 2:25-17, WA 24:74, 14-30.

permaneceu lá vacilante nesse vai e volta e o Diabo manteve essa ideia de que isso não era contra Deus, ele já tinha vencido. A fé se foi, foi sufocada. Eva havia perdido a Palavra”.⁵⁹

As consequências de perder a palavra de Deus e a fé nele são claras: “Quando a fé e a Palavra de Deus se vão, você não pode pensar que consegue adiar os maus desejos e amores. A paixão está lá e nada mais deixa de ser pecaminoso e inclinação ao mal”.⁶⁰

Enfim, Adão tenta virar a palavra de Deus contra o próprio Deus, a última marca da blasfêmia (Gn 3.12).⁶¹ A restauração da fé por meio da promessa da redenção em Cristo em Gênesis 3.15, demonstrou para Lutero que Deus, em sua bondade, chamou pecadores para fora de sua dúvida e colocou foco em suas vidas, isto é, a confiança deles novamente na Palavra.⁶²

Perdão dos pecados vem para Adão e Eva apenas por meio da promessa da Semente (Gn 3.15). Fé apaga o pecado, por isso Deus não aceita recompensa pelo perdão dos pecados por meio de obras.⁶³

A justiça que Deus concede aos seus filhos escolhidos se constitui nas criaturas humanas como confiança no Criador.⁶⁴ Portanto, o pregador fala aos seus ouvintes que não é o sacrifício de Abel que agrada a Deus, mas ao invés disso, a fé, enquanto “Caim não foi condenado por causa de suas obras, mas por causa de sua falta de fé... Deus olha primeiramente para a pessoa, o homem, e depois para suas obras, não vice-versa”.⁶⁵

Lutero então cita Hebreus 11.4 para afirmar aos seus ouvintes que Abel foi justo por meio de sua fé. Pois “o poderoso Deus deu a Adão sua Palavra e promessa e isso foi proclamado para nós”, que Cristo pode vir e destruir o Demônio e nos tornar filhos seus.⁶⁶

59 Sobre Gn 3:1-6, WA 24:86, 24-88, 33.

60 Sobre Gn 3:1-6, WA 24:89, 19-21.

61 Sobre Gn 3:11, WA 24:96, 14-97, 29.

62 Sobre Gn 3:14, WA 24:99, 27-101, 15.

63 Sobre Gn 5, WA 24:154, 25-28.

64 Sobre Gn 9:18-29, WA 24:211, 24-33.

65 Sobre Gn 4:3-5, WA 24:127, 29-128, 12. O texto latino atribui a Abel o seguinte, “Eu não sou uma pessoa aceitável, mas tu, ó Deus, mesmo assim aceitas o que eu te ofereço por tua misericórdia, pois tu não deves nada para mim”. WA 24:128, 1-3.

66 Sobre Gn 4:3-5, WA 24:129, 24-130, 18.

Esta fé é criada por Deus e demonstra o poder da sua Palavra. A imaginação de Lutero muitas vezes incendiava quando ele contemplava as tentações dos patriarcas, e quando ele visualizava para seus ouvintes como Noé e sua família deviam se sentir quando a ira de Deus desceu sobre o mundo no dilúvio. Recolhidos em sua pequena arca, eles eram dependentes apenas da promessa de Deus.

Quanta fé deve ser necessária para permanecer justo perante tal face furiosa. Pois se trata de uma batalha real entre a fé e a falta de fé, e seus corações devem ter sofrido muitos golpes duros... Eles tiveram que se agarrar nesta mera palavra e lutar contra todos os seus sentidos e razão pela fé. Por isso você pode ver quão grande poder a Palavra tem quando agarrada pela fé, e como eles, tendo a morte perante seus olhos incessantemente durante cinco meses, foram capazes de desconsiderar tudo isso.⁶⁷

Lutero seguiu Paulo em sua visão de Abraão como o maior exemplo de justificação pela fé. O patriarca foi um verdadeiro exemplo de fé e amor porque ele se apegou à Palavra viva de Deus.⁶⁸

Sua vida prova que

[...] se alguém é convertido e se torna justo, um cristão, não somos nós que começamos essa conversão. Nenhuma oração nem jejum ajuda. Isso tem de vir do céu, apenas da graça, quando Deus atinge o coração por meio da promessa do Evangelho, assim que o coração sente esta Palavra e é levado a dizer que isto nunca aconteceu com ele anteriormente ou que tenha vindo à sua mente que tal graça recairia sobre ele.⁶⁹

E assim o pregador proclamou que, “Aqueles que querem se tornar justos não devem falar, ‘Eu preciso começar a fazer boas obras, para que eu possa alcançar a graça’, mas ao invés disso, ‘Eu esperarei até quando Deus quiser me dar a sua graça e seu Espírito por meio da sua Palavra’”.⁷⁰ “Pois Abraão viveu apenas da Palavra pura de Deus, na qual

67 Sobre Gn 7:1, WA 24:183, 17-27.

68 Sobre Gn 12:1-2, WA 24:243, 23-26.

69 Sobre Gn 12:1-2, WA 24:244, 21-26.

70 Sobre Gn 12: 1-2, WA 24:244, 29-30.

ele se agarrou e na qual ele permaneceu.”⁷¹

“Tudo depende da Palavra de Deus. Se Deus fala, até mesmo a respeito de um talo de palha, esta é da mesma forma uma Palavra eterna, e a pessoa que crê que nisso será justa e correta e terá Deus, assim como também terá a eternidade.”

Assim, Lutero afirmou que “o evangelho é um tesouro eterno”.⁷² Pois, como ele comentou tratando o capítulo 17,

Deus é verdadeiro, fiel, e todo-poderoso, portanto, eu não pergunto se isso é impossível, pois, tenho sua Palavra e promessa. Nada pode dar errado então, mesmo que tudo venha a enganar. Porque o Evangelho é a luz que nos conduz e que dissipa as trevas quando a razão fica cega e se torna tolice. Quando de acordo com a natureza isso é impossível, com Deus isso se torna possível.⁷³

A justiça aos olhos de Deus veio a Abraão como um presente imerecido e inesperado por meio da atividade de Deus em sua Palavra, assegura Lutero aos seus ouvintes.

Na pregação sobre Gênesis 16, Lutero contrasta o povo da promessa – descendentes de Isaque – com o povo que não recebeu a promessa. O pregador ressaltou que não foi dito de “um povo grosseiro, insolente”, mas “do melhor, mais correto e sábio povo da terra que ninguém dele tem alguma dignidade perante Deus, a menos que, ao mesmo tempo, tenha nascido do Espírito Santo e se tornado nova criatura humana”.⁷⁴

Sempre preocupado com o pavio fumegante e a cana quebrada, Lutero usou o exemplo de Sara em Gênesis 18, para lembrar aos seus ouvintes que mesmo quando sua fé é fraca, Deus continua fiel. Sara duvidou se ela poderia ter o filho da promessa (18.12). “Mesmo assim, Deus não a rejeitou por causa disso, mas tratou Sara com gentileza por causa de sua fé anterior, e a acarinhou mesmo que sua fé não fosse tão forte quanto a de Abraão”.⁷⁵

71 Sobre Gn 12:4-6, WA 24:249, 21-22.

72 Sobre Gn 12:7-9, WA 24:254, 5-14.

73 Sobre Gn 17, WA 24:318, 36-319, 16.

74 Sobre Gn 16:12, WA 24:315, 27-31.

75 Sobre Gn 18, WA 24:34, 29-335, 34.

Portanto, o pregador poderia também fazer uma aplicação prática do exemplo da fé de Noé, pois, ao ser jogado de um lado ao outro pelas ondas no meio do dilúvio, aquilo fez a vida dele parecer muito frágil. Em meio às tentações e aflições no caminho da morte, o crente é jogado ao desespero, falando,

“Eu estou morrendo e não sei quando partirei e para onde vou.” E Lutero responde, “Quando isso acontecer você deve fechar os seus olhos, desligar todos seus sentidos e não querer saber nem ouvir nada senão o que a Palavra de Deus fala. Não dê atenção ao que você sente nem tente vencer sozinho aqueles sentimentos. Deixe a Palavra agarrar você, e não deixe que ela seja tirada de você, assim você poderá dizer, ‘Aqui estou em agonia e ansiedade de morte, mas eu sei que eu sou batizado e que Deus prometeu isso e aquilo’. No entanto, se a força e a intensidade da morte estiverem atacando, atire a Palavra em sua face”. Pois, continuou o pregador, não importa o quanto você serviu a Deus nem a quantidade de boas obras que você fez. Porque isso é uma loucura criada pelo Diabo para te levar ao desespero. Em vez de falar sobre obras, confesse seus pecados, disse ele à congregação, e então confesse, “Mas você é um Deus que não examina o quão piedosa ou quão maldosa a pessoa tem sido se ela olha apenas para sua bondade e confia.”⁷⁶

Tal é a justiça da fé. O pressuposto de que as obras não permanecem na mais íntima das conversas do crente com Deus, revela como a distinção dos dois tipos de justiça se destina a operar na vida do cristão.

A JUSTIÇA ATIVA DA CRIATURA HUMANA NOS SERMÕES DE LUTERO SOBRE GÊNESIS

Estas confiança e justiça produzem a justiça ativa que vai ao encontro das expectativas de Deus para a performance daqueles para quem ele deu a sua nova identidade como filho de Deus remido e restaurado.

Lutero entendeu que Deus planejou a vida humana diária em relação ao resto da criação como obediência aos mandamentos de Deus para ações

⁷⁶ Sobre Gn 7:1, WA 24:184, 10-29.

humanas individuais. Essa obediência toma lugar no contexto do chamado de Deus para cada pessoa em seus cargos e funções, que fazem parte integralmente do erguimento e consolidação da sociedade como Deus a havia projetado.

Crentes praticam virtudes e obras que Deus manda dentro da estrutura da vocação na qual ele chama os crentes. O exemplo de Abraão demonstra que “você não deve ser inútil, mas fazer boas obras. Porém você não cria uma herança para si próprio através das boas obras. Nós temos acesso a isso completamente por meio da fé. Contudo nós fazemos boas obras para que o reino de Deus se expanda. Nós pregamos e levamos outras pessoas a ele por meio de nossas palavras e obras, de modo que nossa vida seja dedicada às pessoas, para ajudá-las”.⁷⁷

“Quando Deus restaurou o ser humano, ele não o deixa parado, mas o traz para dentro de uma prática contínua” da nova obediência, mesmo que os ataques do diabo nunca acabem, e a vida cristã continue em meio às lutas que ele impõe sobre os filhos de Deus.⁷⁸

Dos escritos de Moisés, Lutero retirou como lei geral que

Toda pessoa deve conduzir dessa maneira a si mesma em sua caminhada pela vida e praticar obras apropriadas que geram nela a certeza de que vão agradar a Deus, e então viver de maneira que estejamos sempre [...] Nós não criamos certeza disso com estas preparadas para a morte. Nós não criamos certeza disso por meio das obras, apenas a fé o faz. Ela torna as pessoas agradáveis a Deus e dá ao coração a certeza de que tudo agrada a Deus, e, se algo for feito que não agrade a Deus, como muitas vezes acontece, mesmo assim ele reconhece aquela pessoa como boa.⁷⁹

Pois o evangelho não altera a natureza humana que Deus criou em primeiro lugar. Isso significa que, na relação com Deus, os crentes vivem pela fé, mas na terra, eles assumem a responsabilidade do amor de um para com o outro.

“Deus não quer arrancar a nossa natureza de nós por meio do evangelho, mas ele mantém o que é natural, redirecionando-o, contudo,

77 Sobre Gn 17:5, WA 24:327, 14-20.

78 Sobre Gn 3:9, WA 24:110, 36-111, 22.

79 Sobre Gn 8:15-19, WA 24:195, 12-26.

ao longo das linhas adequadas. É natural que um pai ame seu filho, que a esposa ame o seu marido, e se sinta feliz quando ele prospera.”⁸⁰

Portanto, os cristãos agem como verdadeiros cristãos quando eles ouvem a Deus em tudo e mostram interesse pelos outros seres humanos que estão em necessidade.

Os mandamentos e os chamados de Deus, por um lado, e o bem-estar dos seres humanos, por outro, constituem os dois polos entre os quais os crentes praticam a nova obediência.

Na pregação sobre o resgate militar de Ló, sobrinho de Abraão (Gn 14.13-16), Lutero respondeu à pergunta sobre quando um cristão deve levantar a espada em violência contra os outros. Não se valendo de interesse próprio, o pregador instruiu as pessoas falando que:

Se Deus não tivesse ordenado isso, ele [Abraão], em hipótese alguma o teria feito, nem se empenharia em ir contra tão poderosos reis [...] Mas porque Deus tinha mandado isso, e precisamente para recuperar seu irmão, ele levou isso adiante e o fez por meio da fé.⁸¹

Aquela ação militar que aconteceu a favor de Ló foi contrabalanceada pelas orações de Abraão pelo povo de Sodoma. “Como um homem justo, Abraão se dispôs a ter seu coração cheio de amor pelas pessoas como ele tinha por Deus, e assim, ele posteriormente orou tão assiduamente pelos sodomitas, que, provavelmente, teria até morrido por eles.”⁸²

A história de Abraão demonstra, conclui Lutero, que “Abrão continuou a amar o seu próximo, mas ele submeteu esse amor a Deus, pois a fé e amor para com Deus devem governar o amor para com o próximo, porque nós não devemos amar seres humanos mais do que amamos a Deus”.⁸³

Do púlpito, Lutero estava preocupado em cultivar boas obras. Ele elogiou Abraão por viver baseado em sua fé, como alguém que demonstrou o amor de Deus, por exemplo, por meio da hospitalidade, em Gênesis 18.⁸⁴

O exemplo de Esaú e Jacó fez o reformador lembrar da habilidade de Deus para fazer tamanho milagre de reconciliação, como reportado

80 Sobre Gn 23, WA 24:409, 22-410, 9.

81 Sobre Gn 14, WA 24:273, 6-35.

82 Sobre Gn 14, WA 24:274, 18-20.

83 Sobre Gn 14, WA 24:275, 19-23.

84 Sobre Gn 18, WA 24:336, 12-29.

em Gênesis 33.4-17: “Esta é a essência de Deus e a sua forma de agir, de modo que ele pode fazer amigos de piores inimigos”.⁸⁵

Ao mesmo tempo, Lutero recomendou aos seus ouvintes a humildade e o desejo pela paz que Jacó demonstrou. O povo de Wittenberg recebeu tanto a admoestação para fazer boas obras quanto instruções específicas de quais obras são boas e quais não são, por meio da pregação de Lutero.

Eles também receberam encorajamento para permanecerem firmes no tempo de tentação, pois a justiça ativa inclui tanto obediência aos mandamentos de Deus, quanto paciência em meio ao sofrimento sob a face do mal.

Tudo que Jacó e sua família sofreram nas mãos do sogro Labão ilustra como a fé é preparada para mostrar o amor e carregar a cruz da perseguição e dos maus-tratos.⁸⁶ Lutero pessoalmente tinha experimentado uma ampla variedade de sofrimento físico e espiritual, assim como seus ouvintes. Ele encarou aquela parte da vida deles com a promessa da presença de Deus em meio às tribulações.

Lutero entendeu, como Paulo em Romanos 6.1-3, que o evangelho da justiça passiva concedido por meio da obra de Cristo, pode ser ouvido de maneira errada, como um convite para depravação. Por isso, ele levou seus ouvintes de Wittenberg a lembrar

Por que existe o mandamento a boas obras se a fé é suficiente? É verdade que apenas a fé é suficiente perante Deus, para isso nós não precisamos fazer obras. Apesar disso, uma pessoa precisa fazer obras para provar sua fé perante o mundo, para que Deus seja louvado e meu próximo seja despertado para a fé. Eu não vou fazê-las para meu próprio bem, mas para o bem dos outros, para louvor a Deus e serviço ao meu próximo, assim que outros venham até nós.⁸⁷

A distinção entre justiça ativa e passiva está correlacionada com a distinção de lei e evangelho. Lutero registrou sua oposição tanto à falha em praticar a justiça ativa, como também ao desespero ou arrogância em relação ao relacionamento do crente com Deus.

85 Sobre Gn 33, WA 24:585, 27-587, 31.

86 Sobre Gn 31, WA 24:554, 18-29, 556, 8-22.

87 Sobre Gn 17, WA 24:330, 20-26.

CONSIDERAÇÕES

Esse interesse por ambas as coisas, a obediência aos mandamentos de Deus e a confiança nele como centro da vida humana, reflete a percepção fundamental de Lutero sobre a realidade que existe entre Deus e suas criaturas humanas.

Essa percepção presumia que Deus atua por meio da sua Palavra, a qual concede tanto a identidade como filhos de Deus, como estabelece as expectativas de Deus para a vida de suas criaturas humanas.

A distinção de lei e evangelho encontrou seu corolário antropológico na distinção dos dois tipos de justiça, a pressuposição que moldou a compreensão de Lutero do que significa ser um humano como criatura do todo-poderoso Pai e Criador de todas as coisas.

O reformador de Wittenberg definiu a criatura humana baseado na sua fé de que Deus é o Criador, responsável por todas as coisas em sua criação. E, ao mesmo tempo, Lutero insistia que o Criador desenvolveu e criou suas criaturas humanas para que elas exercitassem a total responsabilidade para com tudo que Deus preparou para elas serem e fazerem.

Esse mistério da relação entre Deus e suas criaturas humanas reflete o fato de que para Lutero não é possível para as criaturas de Deus apreenderem quem ele é e entenderem completamente quem elas são como produtos da imaginação criativa de Deus e sua graça.

Para explicar e proclamar tudo que Deus falou sobre si mesmo e suas criaturas humanas, Lutero acreditava que os cristãos tinham de reconhecer que a vida humana acontece em duas dimensões, ou que o que significa ser um humano toma forma de um modo completamente diferente no relacionamento com Deus em comparação ao relacionamento com as criaturas dele.

Assim como acontece com pais humanos, Deus deu vida para sua criação, e ele restaurou a vida para aqueles que estavam mortos em seus pecados, por meio da sua Palavra de absolvição. Isso concede o dom da nova vida em e por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Este aspecto da antropologia de Lutero provê um conforto inabalável para o povo de Deus, pois sua identidade como filhos de Deus repousa apenas sobre sua graciosa vontade e sua disposição amorosa para com as pessoas. Nenhum esforço nem mérito podem ser responsáveis por adquirir a identidade pessoal de povo de Cristo.

Ao mesmo tempo, a antropologia de Lutero pinta a vida diária dos crentes como uma vida a partir das expectativas do Criador e Pai, a qual se desenvolve na performance do amor que estabelece quem eles são no relacionamento com seus semelhantes.

Unidos novamente na ação criativa e recreativa de Deus, tanto a identidade como a performance das criaturas humanas de Deus, uma vez perdidas através do pecado, têm sido restauradas por meio da obra de Cristo.

Embora a performance humana, sob o mistério da continuação do pecado e do mal na vida dos batizados, alcance apenas uma restauração imperfeita, a identidade do pecador como filho remido de Deus é completa e inabalável porque ela repousa apenas na disposição de Deus e na sua Palavra.